



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Apresentação

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos
Sabrina Miranda Areco

Como citar: PASSOS, R. D. F dos; ARECO, S. M. Apresentação. *In:* PASSOS, R. D. F dos; ARECO, S. M. (org.). **Gramsci e seus contemporâneos**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 15-20.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2017.978-85-7983-881-1.p15-20>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos e Sabrina Areco

Pode-se, portanto, dizer que um personagem é “nacional” quando é contemporâneo a um nível mundial (ou europeu) determinado de cultura e alcançou (é claro) este nível. (GRAMSCI, 1975, Q14, §7, p. 1660)

O alcance das interlocuções e elaborações gramscianas é inestimável em face do caráter assistemático e incompleto de sua obra. Tais características abrem um enorme potencial de discussão e elaboração teórico-prática ao considerar-se o nexo de seus contemporâneos do período de escrita de sua obra e suas interpretações posteriores, também contemporâneas.

Esta coletânea reúne artigos que tratam do pensamento de A. Gramsci considerando suas interações com a produção intelectual e o ambiente político que lhe eram contemporâneos. Nos textos ora apresentados, o tempo histórico de Gramsci - imperiosamente marcado pela guerra, imperialismo, ascensão dos nacionalismos e do fascismo, a experiência dos bolcheviques e de criação dos partidos comunistas - ganha materialidade nos diálogos que o marxista estabeleceu com intelectuais que pertenciam, com maior ou menor exatidão, à sua geração e que produziram nas primeiras décadas do século XX. Os artigos aqui reunidos tratam da produção gramsciana acentuando seu esforço de dialogar com as questões de seu presente e as perspectivas abertas para o futuro, discutindo as respostas que eram então elaboradas.

O debate em torno do marxismo e dos dilemas do socialismo italiano de Gramsci com **Benedetto Croce** é o tema do artigo de Fabio Frosini que abre esta coletânea. Frosini discute as mudanças na forma de apropriação, por parte de Gramsci, da filosofia do espírito croceano. Esse movimento teórico e político significaria a superação de uma condição subordinada, na qual o jovem Gramsci postulava a possibilidade de uma combinação do idealismo croceano e a necessária renovação profunda do socialismo italiano, para uma tradução daquela filosofia no âmbito de sua teoria política. A tradução é entendida como um tipo de assimilação, em que o elemento traduzido é assimilado à própria perspectiva e portanto, como afirma Frosini, «traduzir quer dizer instituir uma hegemonia».

Se Croce era o adversário que representava a mais elaborada cultura liberal da Itália, a produção do historiador **Achille Loria** teve uma apreciação bastante negativa por parte de Gramsci. Loria colocava-se, em determinada fase de sua trajetória, como o intérprete e continuador por excelência do pensamento de Marx na Itália. Gianfranco Ragona mostra em seu texto como a crítica de Gramsci a Loria parte de uma recusa ao determinismo técnico presente na leitura que Loria fez do pensamento de K. Marx. Essa crítica é formulada desde os escritos do período anterior à prisão. Mais tarde, ele elabora uma categoria - o lorianismo. A categoria tipifica a produção intelectual não-sistemática, tratada por Gramsci como um fenômeno não apenas italiano, mas internacional, e que teria como origem a escassa organização dos intelectuais e fragilidade das forças sociais, condições essa que geram um terreno pouco propício à crítica e amadurecimento cultural.

O artigo que trata de **Willian James**, escrito por Giovanni Semeraro, conduz-nos à análise feita por Gramsci do pragmatismo americano, reputada como uma das frentes teóricas de batalha mais avançadas para a filosofia da práxis. Semeraro aponta como, para Gramsci, o pragmatismo é tratado tanto como uma filosofia intimamente conectada com a modernidade e industrialismo dos EUA, mas também pode ser considerada um desenvolvimento de correntes de origens europeias, entre elas o próprio marxismo. Daí parece derivar a possibilidade de certa influência de James em Gramsci, que para Semeraro residiria especialmente

na forma como ambos pensam o processo de adaptação das subjetividades às novas condições de vida impostas pela modernidade capitalista.

A atenção de Gramsci à novidade imposta pela organização industrial do trabalho e da vida, capaz de criar um padrão antropológico novo, é o tema que aproxima Gramsci do sociólogo alemão **Max Weber**. Michele Filippini discute como a análise da psicofísica do trabalho industrial, pouco conhecido estudo de Weber, encontra afinidades com a análise do americanismo e fordismo feita pelo italiano. A racionalização do trabalho industrial é tratada, por ambos, como vinculada à racionalização da vida, portanto à constituição de um novo homem adaptado à necessidade da fábrica capitalista. Existiria ainda, para Filippini, uma influência de Weber sobre Gramsci no que diz respeito à análise da burocracia. Os funcionários aparecem então como fenômeno típico da racionalização burocrática, o que permite ao italiano a avançar na elaboração de uma «sociologia do político».

Livio Boni nos apresenta a leitura de Gramsci sobre a psicanálise de **Sigmund Freud**. Leitura indireta, baseada em comentadores, e mediada por um eixo «vívido e afetivo»: Boni encontrou nas cartas de Gramsci a sua companheira, Giulia Shucht, um verdadeiro diálogo sobre a psicanálise e seus alcances. Ela havia se submetido a um tratamento psicanalítico na URSS nos anos de 1930, onde essa corrente passava a encontrar oposição. Para o autor, a análise de Freud feita por Gramsci encontra originalidade no panorama intelectual do período entreguerras, distinguindo-se das críticas de certas correntes, como a leitura marxista ortodoxa difundida na III Internacional e que considerava «coincidentes a alienação sexual e a alienação econômico-social». Nas Cartas, e também nos Cadernos, Boni mostra como é sobre os efeitos e influências da psicanálise, mais do que em uma análise interna da disciplina, que se concentra a atenção do marxista.

É no âmbito dos debates pós-1917 que se pode também ler a contribuição de Sabrina Areco e seu artigo sobre o historiador francês **Albert Mathiez**. A autora discute como a leitura de Gramsci sobre Mathiez situa-se em uma disputa pelo passado (a Revolução francesa) e perpassa pelas interlocuções entre duas culturas (a francesa e a italiana). O historiador

aparece então como uma influência fundamental para a superação do anti-jacobinismo de juventude de Gramsci.

O artigo de Daniela Mussi trata dos debates entre os **socialistas italianos** no período que antecede tal inflexão acerca do jacobinismo. Ela nos mostra como a reflexão sobre a cultura passava a assumir uma posição de relevância entre os socialistas, no momento em que as disputas entre as frações internas se tencionavam entre a esquerda maximalista e o reformismo atávico. Gramsci aproxima-se dos culturalistas em suas intervenções entre os anos de 1914-1916, tendo como referências fundamentais Angelo Tasca e Gaetano Salvemini.

A questão da tradutibilidade como recurso teórico e metodológico em Gramsci aparece também no artigo de Rodrigo Passos e Erika Amusquivar, que aborda a leitura elaborada no cárcere acerca da obra de **Rudolf Kjellen**. Pouco conhecido no Brasil, assim como nos meios anglo-saxônicos, os autores discutem como o pioneiro da geopolítica como campo disciplinar, cujas formulações caracterizam-se pelo determinismo geográfico e a ideia de potência germânica, foi traduzido na filosofia da práxis. A dimensão geográfica e a geopolítica são assimiladas em uma perspectiva não positivista e as relações entre os Estados são tratadas como um nível das relações sociais e de forças, na qual o nacional e o internacional completam-se e se determinam mutuamente.

Finalmente, mas não menos importante, o artigo de Renato César Ferreira Fernandes trata de **Robert Michels** e a crítica de Gramsci a sua teoria dos partidos. Fernandes chama atenção a um elemento pouco explorado no pensamento de Michels: o papel do aspecto organizacional no processo de oligarquização dos partidos. Fernandes mostra como em Gramsci a ideia de transformismo ajuda a tratar de forma não essencializada, tal como em Michels, a distinção entre dirigentes e dirigidos. E é através da análise das relações entre partido e classe e dos diferentes estratos do partido entre si, assim como a questão dos intelectuais, que Gramsci encontra frestas para desafiar teoricamente a lei de ferro de oligarquia.

Os temas que se sucedem neste livro demonstram a grande curiosidade intelectual e o esforço constante de sistematização presente na reflexão de Gramsci desde os primeiros escritos. Mais tarde, ele elaborou

uma filosofia coerente - a filosofia da práxis - apesar de fragmentária e inconclusa. Para tal, ele apoiou-se na produção intelectual mais proeminente de seu tempo, não por meio de uma assimilação subordinada e sim através da tradução de categorias à filosofia da práxis. Esse procedimento de tradução é uma das chaves às quais os autores recorreram para tratar da relação de Gramsci com seus contemporâneos.

Ao evidenciar o aspecto dialógico da reflexão gramsciana, este livro pretende contribuir com a difusão de um pensamento coerente e aberto a diferentes fontes e debates e que, mesmo em sua fase de isolamento carcerário, foi fortemente conectado ao seu tempo coevo. Para Gramsci, o presente corresponde a um amalgamado de passado que insistia em resistir com um conjunto de possibilidades indefinidas de surgimento do novo. O contemporâneo tratado como um agregado composto de diferentes tempos históricos. É esse aspecto pouco homogêneo do presente de Gramsci que também pretendemos explorar neste livro. Acreditamos que esta coletânea pode contribuir para elucidar um pouco das motivações e fontes de elaboração do pensamento gramsciano e sua inesgotável contemporaneidade. Boa leitura!